

BAIANIDADES

POR JOÃO GABRIEL GALDEA



MODELO DA 'BAIANA AZUL DE AMARALINA' É DESCENDENTE DE FUNDADORA DO 1º CANDOMBLÉ

[/correio24horas.com.br/soseve](https://correio24horas.com.br/soseve)

O torso não é de seda, os brincos e as correntes não são de ouro e a sandália enfeitada nem seixe há, mas essa baiana existe demais. Talvez você não conheça, porque faz tempo que não passa pela orla de Amaralina, mas se prepare que quando der um novo rolê por lá, ela vai te ver, e você verá.

A 'Baiana Azul de Amaralina' (vamos chamar assim enquanto o povo não rebatiza) é a mais nova obra de arte que Bel Borba acrescenta à paisagem da cidade. Nasce inserida no projeto de requalificação de novo trecho da orla, que deve ser entregue até o final do mês. Cresce 4 metros, com base de 50 cm, e ostenta um peso famoso: 16 toneladas. Explica o artista plástico que essa baiana tem nas suas entranhas o estofado de aço "com cimento especial usado em viadutos" moldado a fibra de vidro e "exageradamente reforçado". Artifícios para torná-la inquebrantável, "impossível de pegar fogo".

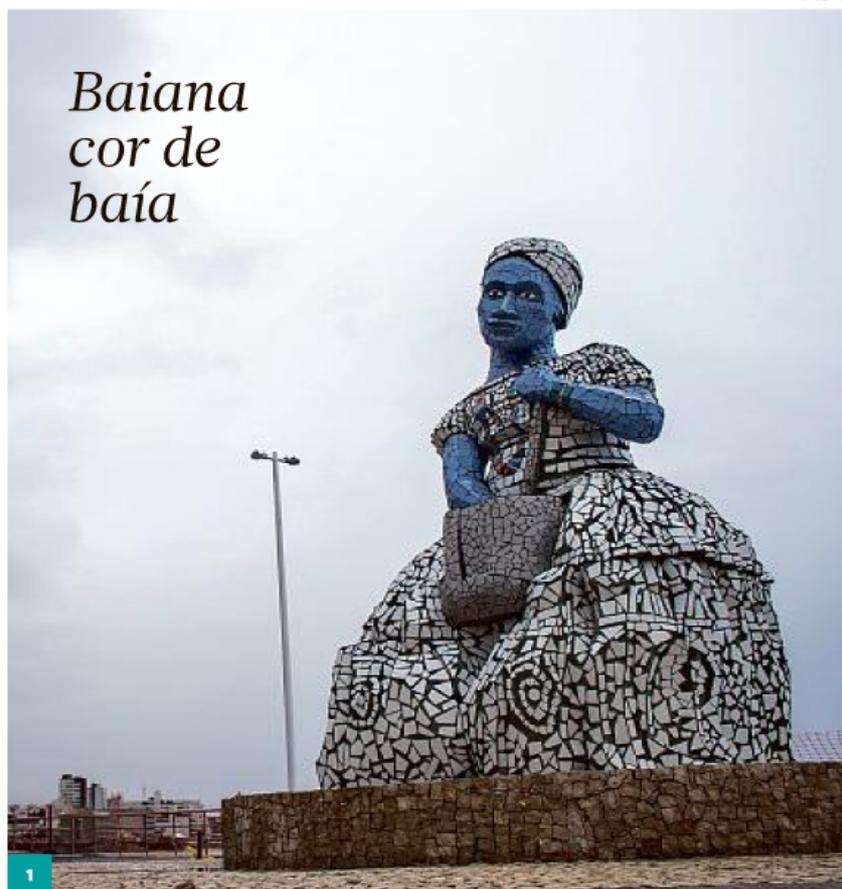
No meio do Largo das Baianas, mirando a Avenida Amaralina e o fluxo de veículos e pedestres, também pode ser vista desde o quartel, ainda mais nítida quando tiver ao fundo um céu azul, tal qual sua pele e, com bastante liberdade poética e alguma provocação, a Baía de Todos os Santos (embora na Orla Atlântica) e o sangue de quem lhe serviu de modelo.

Trata-se da baiana Cida de Nanã, bisneta de Mãe Senhora (1890-1967), terceira ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, e pentaneta de Marcelina da Silva, a Oba Tossi, uma das fundadoras da primeira casa de candomblé do Brasil, o Ilê Axé Airá Intilê (Candomblé da Barroquinha), origem da Casa Branca.

"Me senti orgulhosa por hoje as baianas de acarajé terem sido homenageadas com esse monumento em uma praça que muitas senhoras, filhas e netas de escravas, ganharam a vida com o acarajé", celebra Maria Aparecida Santos, a Cida, se referindo ao tempo em que o largo era tomado por uns 40 tabuleiros e ela frequentava, infante, como cliente.

Ano passado, aos 50, foi procurada por um antigo freguês. Bel Borba era assíduo no ponto que Cida manteve por 25 anos em frente à Reitoria da Ufba. Nascido e criado no Canela, continuava por ali quando estudou na Escola de Belas Artes, tempo em que o elo com a baiana foi estabelecido.

Convocado pela prefeitura a construir o monumento em homenagem àquelas que são Patrimônio Imaterial da Bahia, foi direto na coligada. Depois do contato, brotou na casa dela, em Pernambuco, para fazer fotos e vídeos, tirar medidas, projetar a gigante.



1

NARA GENTIL

Baiana cor de baía



2

DIVULGAÇÃO



3

ARISSON MARINHO/ARQUIVO CORREIO

1 Escultura em homenagem às baianas no Largo das Baianas **2** Bel Borba tira as medidas com sua musa inspiradora **3** Cida de Nanã, bisneta de Mãe Senhora, em 2015, quando vendia acarajé em frente à Reitoria

Até esse novo contato, aliás, Bel Borba não sabia da genealogia de Cida de Nanã. Ignorava as duas sacerdotisas acima citadas, além de um colega de profissão na árvore: sua musa inspiradora também é neta de Mestre Didi (1917-2013), o sacerdote-artista. Isso dificultava ainda mais a missão de quem quisesse pensar em outra baiana de acarajé, entre as mais de duas mil de Salvador, tão bem credenciada para ser modelo para a obra-homenagem à classe.

HUMILDADE

Mas Cida não se acha mais especial que as outras, e sugeriu que escrevesse "de um jeito para não causar ciúmes". Mesmo no exercício de funções religiosas importantes - Otun dagan e Otun iya-egbé - em dois ilês famosos, pediu para não citar os locais. "Pode colocar os postos, mas se

puder evitar os nomes dos dois terreiros agradeço, para as outras baianas mercedoras não acharem que fui escolhida por o terreiro ser famoso. Sou simples", é notório.

Explicita também a aprovação ao nome de Cida. "Ela tem todo um enredo, todo um fundamento. As baianas estão bem representadas", afirma Rita Santos, presidente da Associação Nacional das Baianas de Acarajé (Abam), antes de lembrar que a ideia do monumento surgiu dentro de quatro reuniões com moradores, comerciantes e, claro, baianas pa-

ra decidir o que seria feito ali, e como. Tudo organizado pela Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), responsável pelo projeto, que também teve a execução acompanhada de perto.

"A fundação me mandava toda semana fotos da obra, e a gente deu palpite, como a pulseira e o colar que não tinham", relembra Rita Santos, também citando a cor da pele representada na escultura, recoberta com 26 metros quadrados de azulejos recortados, formando um mosaico colorido com azul e branco predominantes.

AZUL?

Sobre a pele da estrela azulada, ligeiro impasse, mas nada superlativo. "Algumas pessoas foram contra, outras a favor, mas Bel já explicou. Tem a ver com energia. E o que importa é que as baianas de Amaralina estão a favor, estão satisfeitas", diz a presidente da associação, antecipando-se a qualquer polêmica.

Aos 63 anos, 55 de carreira, Bel Borba também não estava disposto a embarcar em controvérsias e, solicitado, ouviu as homenageadas. "A presidente do sindicato [Rita Santos], com muita delicadeza, fez o pleito e eu atendi com muito entusiasmo. Os colares, por exemplo, quando eu atinei, fiquei entusiasmado", relembra o artista, que também resolveu adotar pulseiras, brincos, olhos abertos... Mas e a pele?

"Foi decisão minha. É importante que tenha no meu trabalho um mínimo de transgressão sublime, ir além das barreiras do óbvio. E é uma prerrogativa do artista lidar com as cores da maneira que julgue pertinente, justificada e cabível... Ela tem obrigatoriamente a cor do céu", declarou Bel, que apelidou sua obra de 'Baiana Azul da Paz' e ainda deu mais explicações sobre contraste e ambiente.

A obra já está à vista de quem passa e será um ponto de referência para as cerca de 10 baianas que voltarão a ocupar o espaço tradicional, assim que a pandemia passar. Segundo a presidente da FMLF, Tânia Scofield, a primeira etapa do trecho de orla deve ser inaugurado até o final deste mês, junto com o novo monumento, já visível a qualquer um que passa.

"A primeira etapa deve ser inaugurada da Praça do Quartel até um pouco depois das baianas, e toda a parte de trás de Amaralina", comentou ela, que comemorou o resultado da obra e a repercussão entre as homenageadas.

"É uma grande e merecida homenagem a um dos símbolos mais importantes que temos", disse sobre a baiana azul de Amaralina, coqueiro, brisa e fala nordestina e fardós.